

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A HORA DA HISTÓRIA*

Cláudia de Arruda Campos
Maria de Lourdes Leandro Bezerra
Da Fundação para o Desenvolvimento da Educação

* A experiência integra as ações da FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação, do Estado de São Paulo, através de sua equipe “Livros e Bibliotecas”, gerenciada por Maria Aparecida C. Magnani. A equipe técnica é composta por Cláudia de Arruda Campos, Célia Maria Amaldo Silva, Ivete Palange, Jorge Miguel Marinho, José Juvêncio Barbosa, Lídia Irecson de Carvalho e Marcia de Lourdes Leandro Bezerra.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: “HORA DA HISTÓRIA” NA BIBLIOTECA-OFCINA CLARA LUZ

Inaugurada em 1984, em São Paulo, a Biblioteca-Oficina “Clara Luz”¹ integra o projeto “Implantação e Implementação de Centros de Leitura”, desenvolvido pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE). A Fundação, órgão da Secretaria Estadual de Educação, visa, com esse projeto, oferecer subsídios para que a leitura se torne efetivamente uma prática nas escolas da rede. O projeto envolve a seleção, organização e aquisição de acervos que são doados às escolas mediante concurso, assim como o fornecimento de orientação técnica a responsáveis pela dinamização desses acervos.

Pensada como núcleo experimental do projeto, a Clara Luz tem entre seus objetivos:

Testar a recepção de obras junto ao público, com vistas a aprimorar os critérios de seleção de títulos para os acervos; experienciar atividades com leitura, de modo a que a orientação oferecida aos responsáveis por leitura na rede de ensino possa contar com o norteamento da prática; e experimentar e sugerir alternativas para o trabalho com leitura e para a organização de Centros de Leitura nas escolas.

A experimentação realizada pela “Clara Luz” visa principalmente à capacitação de educadores atuantes na rede estadual de ensino. Assim, o público-alvo da bibliote-

¹ Instalada à Rua Tenente Pena, 212, no bairro do Bom Retiro, São Paulo, SP.

ca é constituído por crianças da comunidade ou alunos de escolas estaduais, com os quais se desenvolvem as atividades experimentais, e educadores que são atingidos através de publicações ou de cursos, encontros e estágios na Biblioteca-Oficina.

Entre as atividades realizadas pela "Clara Luz" com vistas a testar ações que possam ocorrer em sala de aula ou na biblioteca escolar, destaca-se a prática chamada de "Hora da História" (à qual talvez coubesse melhor o rótulo de "Hora do Livro"), uma atividade que não se pretende inovadora, mas sim de recuperação e combinação de procedimentos, os quais, presentes na educação formal ou informal da criança, podem estimular a leitura.

Essa atividade, adaptada e aperfeiçoada pelos professores ou encarregados de leitura nas escolas, oferece, a nosso ver, condições para impulsionar a implantação da leitura como prática constante na vida escolar.

Chamamos de "Hora da História" uma seqüência de atividades realizadas por um grupo de crianças, coordenadas por um adulto (aqui chamado de coordenador). São atividades que envolvem necessariamente contato com o livro e procuram despertar o interesse pela leitura.

Em linhas gerais, a "Hora da História" acontece da seguinte forma: inicia-se com a locomoção da turma para a sala de leitura, biblioteca, ou preparação da sala de aula; acomodação das crianças e um breve cumprimento ou conversa preparatória para a atividade. Estas preliminares ocupam cerca de 10 minutos e têm como principal objetivo a preparação do clima descontraído, mas de atenção e expectativa.

Em seguida passa-se à leitura ou narração de um texto pelo coordenador. A partir da leitura (ou narração) as crianças dizem se gostaram ou não do texto e por quê; mencionam passagens que mais as impressionaram, comentam fatos de suas experiências pessoais relacionadas de algum modo com a obra.

Nesses comentários, é possível perceber que tipo de aproveitamento se fez do texto lido, levar ao aprofundamento de alguns aspectos. Não é incomum que os comentários permitam ao coordenador e/ou às crianças mencionar outras obras, contar outras histórias, levando naturalmente à divulgação de outras obras. Esta pode ocorrer antes da leitura ou diluída nos comentários. O coordenador e/ou as crianças mostram aos demais participantes, ou apenas indicam obras do mesmo gênero, tema ou autor. É possível ainda, além de nomear ou mostrar o livro, dar uma noção do assunto, ler alguma passagem, comentar alguma particularidade da obra.

Conhecer parcial, ou mesmo totalmente, o conteúdo de um livro não tira o interesse da criança; ao contrário, é comum, na hora da história, que vários queiram retirar exatamente o livro que foi lido pelo coordenador. Tendo em conta esse interesse, é aconselhável que o coordenador tenha à disposição uma certa quantidade de títulos relacionados de algum modo à obra narrada (livros da mesma série, tema ou autor) para atender ao interesse dos alunos na etapa seguinte, de leitura livre ou empréstimo. Ao fazer a "divulgação de obras" o coordenador pode preparar o interesse das crianças para o acervo disponível na ocasião, de modo a diminuir os riscos de frustração por a criança não poder examinar ou levar emprestada exatamente a obra que centralizou a hora da história.

Entre leitura, comentários e divulgação, utilizam-se, aproximadamente, trinta minutos. Já se supõe que a história lida deve ser relativamente breve – uma leitura ou narração demorada provoca dispersão. A meia hora restante é empregada na leitura livre, em que as crianças têm acesso imediato aos livros disponíveis.

A leitura livre deve acontecer da maneira mais espontânea possível. A criança é dona de sua escolha dentro das possibilidades oferecidas. Lê sozinha; mostra ao colega; devolve o livro a seu lugar, ou não; recomeça outra escolha; pede sugestões ou requisita ao coordenador um título de seu interesse; pede que o coordenador leia com ela ou lhe conte uma determinada história.

Este é um momento privilegiado para o coordenador ler também, aproveitando para conhecer novos textos ou rever outros, ou observar a relação das crianças com os livros, desde o manuseio até interesses ou dificuldades de leitura, ou, ainda, aproximar-se de uma criança, ou de um grupo de crianças (quem sabe os mais carentes), lendo com eles, oferecendo estímulo e atenção mais diretos. É normal que as crianças mais novas (Pré ou Ciclo Básico), e às vezes até as maiores, fiquem agitadas durante a leitura livre, troquem seguidamente de livro, sem se fixarem em nenhum. Isso, porém, ocorre nos primeiros encontros. Com a repetição da atividade e um contato maior com o livro, a criança vai estabelecendo com ele uma relação menos eufórica e de maior aproveitamento.

É comum solicitarem obras para empréstimo. Conforme as circunstâncias, o empréstimo pode ocorrer ao mesmo tempo que a leitura livre, à medida que as crianças forem se fixando em determinadas obras. O prazo do empréstimo é estipulado de acordo com necessidades e conveniências. No caso da Biblioteca-Oficina "Clara Luz" esse prazo é de sete dias com possibilidades de renovação. Esta segunda etapa (leitura-livre e empréstimo) dura cerca de trinta e cinco minutos. É importante lembrar que as crianças têm um limite de tolerância para a leitura. Exceder esse tempo implica em dispersão, saturação, a atividade declina e passa a ser cansativa.

CONDIÇÕES PARA A ATIVIDADE

O horário ideal para essas atividades é após o recreio. Nesse momento, as crianças já soltaram sua energia, estão alimentadas e, portanto, mais disponíveis, mas também é possível conseguir bom rendimento no período de início das aulas.

A periodicidade preferível seria de uma vez por semana, de forma a se integrar a leitura à rotina da classe, como prática constante e não como atividade esporádica, mas temos mantido com algumas classes atividades quinzenais, sem que decaia o interesse pela leitura.

A melhor disposição espacial dos participantes é em círculo. No círculo rompe-se a tradicional disposição "didática" na qual quem deve ser visto é unicamente o professor. Na leitura todos participam como leitores. Há interesse não só em se observar o coordenador que conta a história, mas em acompanhar os comentários, reações, intervenções dos alunos. Para isso o círculo oferece melhores condições, além de permitir melhor visibilidade

quando, por exemplo, o coordenador for mostrar uma ilustração.

Na disposição habitual das carteiras em sala de aula perdem-se algumas vantagens consideráveis: o coordenador terá que ficar em pé e falar alto, prejudicando-se o aconchego, o clima afetivo que se pretende conferir à atividade; gasta-se mais tempo para mostrar uma ilustração; e criam-se maiores problemas de locomoção quando, na leitura livre, as crianças têm que deslocar-se para escolher as obras. No entanto, a realização da atividade nessas condições não é impossível e já se experimentaram algumas adaptações como, em classes grandes, aproximar as crianças, trazê-las mais para a frente da sala, sentando-as duas a duas na mesma carteira; na leitura livre, ao invés de os alunos se deslocarem, o coordenador ir distribuindo os livros pelas carteiras; ou leitura em duplas para haver menor rotatividade de escolhas; juntas, uma criança lendo com ou para outra, conseguem deter-se por mais tempo no mesmo livro.

É bom lembrar ainda que a Hora da História não precisa ser realizada necessariamente numa sala de leitura ou sala de aula. Outros espaços, eventualmente disponíveis, podem ser utilizados: o pátio, a quadra, o jardim. A criança certamente apreciará essa aula em um local diferente da classe costumeira.

OS TEXTOS: QUAIS E COMO TRABALHAR

O requisito básico é a presença do livro.

Pode-se até trabalhar com textos que não constem de livros (crônicas de periódicos, narrativas de tradição oral etc.), mas o livro sempre deve estar presente, ao menos a título de complementação. Por exemplo, lê-se uma crônica e apresentam-se volumes de crônicas; conta-se uma história de fadas e põe-se à disposição um acervo de contos de fadas.

Guardando este requisito, pode-se trabalhar com textos de vários tipos:

- textos completos: contam-se histórias curtas (narrativas, crônicas, que possam ser lidas integralmente, solicitando, quando for o caso, a participação dos ouvintes);
- textos resumidos: havendo necessidade de se apresentar uma obra mais longa, o coordenador conta resumidamente, lendo (ou não) algumas passagens, mostrando as ilustrações e convidando à posterior leitura do texto integral através do empréstimo. Essa prática se aplica sobretudo quando o objetivo central da atividade seja a divulgação de obras ou a sensibilização dos alunos para certos temas;
- poesia: selecionam-se, para ler, alguns poemas, distribuídos por gênero, tema ou autor. Sempre que possível, procura-se combinar poema e prosa poética. Várias produções não classificadas formalmente como poesia caracterizam-se pelo efeito poético: jogo com as palavras, ritmo, sonoridade, imagens, e podem ser reunidas em uma atividade dedicada à poesia. Tomando apenas um exemplo, sob o tema "Trem" podemos reunir: *O Trem*, de Mary e Eliardo França; *Maria Fumaça*, de Antônio Bernardino da Silva e o *Trem de Ferro*, de Manuel Bandeira, se quisermos, principalmente, explorar o ritmo e as onomatopéias. Outros exemplos de textos narrativos que jogam com re-

ursos poéticos seriam as obras de Sylvia Orthof, como *A limpeza de Tereza* e *A Velhota Cambalhota*;

● adivinhas, trava-línguas, trovas: são produções que interessam vivamente as crianças e podem ser trabalhadas em isolado ou em combinação com a leitura de poesia.

Nada impede que nas atividades apareçam, eventualmente, textos produzidos pelos alunos. Num "aquecimento", antes de se ler poesia, alunos podem apresentar poemas que compuseram (ao contrário do que muita gente imagina, crianças amam poesia e gostam de poetar). A produção de textos, porém, é secundária no momento da atividade centrada na leitura, na relação com o texto impresso, com o livro

A leitura pode ser precedida ou seguida por outras atividades de expressão (redação, desenho, dramatização), aproveitando-se as potencialidades do texto e do acervo utilizado, resguardadas algumas condições. Acreditamos que as atividades devam ser realmente de expressão livre, introduzidas naturalmente, sem qualquer cunho impositivo que leve a associar o livro com coisas aborrecidas ou coercitivas. Por outro lado, não devem ser atividades extremamente concentradas, pretendendo explorar ao máximo as possibilidades analítico-interpretativas da obra, esgotando por muito tempo a curiosidade, as possibilidades de releitura e descobertas pessoais do leitor. Esta forma de aproveitamento não se inclui entre os objetivos da Biblioteca-Oficina "Clara Luz". O que não nos impede, entretanto, de promover certas extrapolações dos textos, sobretudo quando queremos avaliar melhor como foi a recepção de determinada obra, como foi entendida, que imagens ficaram da leitura.

Do ponto de vista do incentivo à leitura, acreditamos que certas extrapolações são interessantes, visando a associar o livro, a leitura, a outras atividades agradáveis; ou fazer perdurar no desenho, nas dramatizações etc. o encanto da obra. Enquanto desenha, por exemplo, a criança pode ir revivendo a história. E mais: o desenho feito a partir de uma leitura, sendo exposto, funciona como um cartaz de divulgação daquela obra, servindo como indicação para outros prováveis leitores.

Procuramos trabalhar com obras e/ou autores constantes dos atuais acervos/FDE, títulos escolhidos tendo em conta a qualidade literária, qualidade da ilustração e acessibilidade ao leitor. Incluímos também obras cuja recepção queremos testar com vistas a sugerir sua integração aos acervos/FDE. Entre essas obras figuram novos lançamentos, títulos sugeridos por professores e, sobretudo, indicações das crianças recolhidas através de seus comentários durante as atividades, ou mediante verificação do fluxo de empréstimo ou procura junto ao setor circulante.

Alguns critérios específicos orientam a seleção de textos para a atividade. Antes de tudo, o coordenador deverá ter empatia com a obra. Se ele não gostar do texto, não haverá técnica que lhe permita entusiasmar as crianças. Os textos escolhidos devem conter elementos que possam empolgar, envolver as crianças e, de preferência, permitir integrar sua participação à leitura feita pelo coordenador. E por participação entende-se desde a atitude silenciosa, mas expectante, de quem se embala em um belo conto de fadas ou na audição de um texto pleno de elementos poéticos, até intervenções a título de antecipar

lances da história, fazer coro em certas passagens, comentar, lançar perguntas ou respondê-las.

A escolha do texto deve guardar uma adequação relativa ao acervo disponível. Não se deveria, em princípio, priorizar títulos que suscitem um interesse impossível de ser saciado por esse acervo. Havendo mais de uma edição ou versão diferente da mesma história, escolhe-se para ler à classe aquela melhor, mas que, por características de linguagem ou apresentação, teria menos condições de atrair a criança no momento de sua escolha pessoal para leitura ou empréstimo. Desse modo, as crianças têm conhecimento de uma boa obra que à primeira vista não lhes pareceria acessível ou interessante e podem até passar a procurá-la, integrando a sua seleção de leituras obras com menos "embalagem", textos com menor apoio em ilustrações.

As "histórias", ou seja, textos-base, das atividades, têm sido distribuídas, na Clara Luz, mais ou menos de acordo com os seguintes blocos:

- narrativas tradicionais: contos de fadas;
- narrativas tradicionais: lendas e histórias folclóricas;
- poesia;
- histórias modernas, escritas especialmente para público infantil, e que podem ser subdivididas em conjuntos por temática, coleção etc; e
- crônicas e outros textos em prosa, não escritos especificamente para crianças, mas que lhes sejam acessíveis.

Não há uma seqüência que se imponha. Ela se estabelece de acordo com objetivos, interesses e condições dadas. Entre essas condições incluem-se: acervo disponível, história de leitura daquela turma de crianças, maior ou menor agitação da classe. Tanto faz, em termos gerais, começar por poesia ou prosa. Já se observou que narrativa e poesia são igualmente interessantes para as crianças, e por elas solicitadas. Todo o segredo está em eleger o texto adequado, sendo, portanto, fundamental que se tenha o cuidado de partir daqueles textos em relação aos quais temos alguma certeza de agradar e suscitar a adesão da criança.

Começar o trabalho a partir do que chamamos "narrativas modernas para público infantil" tem a vantagem de oferecer mais volumes, maior espectro de opção. Existe inclusive a vantagem para o professor, ou coordenador da atividade, de lançar mão, com algum cuidado, das séries ou coleções que tenham uma linha mais ou menos homogênea. Se o coordenador ler para a turma um dos volumes da série, pode oferecer outros à leitura livre sem maiores riscos de ocorrer alguma inadequação.

Quando falamos em cuidados no trabalho com coleções pensamos em não restringir o acervo da atividade às séries, ao menos não por um tempo prolongado, de forma a evitar que o leitor se vicia num modelo de texto, ilustração, ou num gênero, limitando suas opções. Pensamos ainda na questão de que o acervo oferecido a uma classe não pode ser muito homogêneo em termos de gênero ou de uma pretensa adequação à faixa etária: as pessoas não são iguais, têm interesses diversificados e crianças da mesma idade cronológica podem estar, enquanto leitores, em faixas diferentes.

As histórias de fadas têm grande apelo como atração ao leitor. Bem ou mal elas são conhecidas (e crianças

gostam de reencontrar o conhecido). Se não são conhecidas, existe pelo menos a indicação de que lidam com componentes psicológicos significativos, segundo Bettelheim (1978).

A leitura de uma versão de um argumento tradicional, de uma história que tem grandes possibilidades de dizer respeito à criança, oferece uma segurança que não se pode menosprezar. O problema, para nós, no trato dos contos de fadas, tem sido a pouca oferta de boas edições acessíveis às crianças e cujo preço seja razoável. Talvez, das edições disponíveis, a que melhor se ajusta às preocupações de qualidade e acessibilidade seja a da editora Kuarup.

Para a leitura feita pelo coordenador prestam-se bem edições de textos originais, boas versões não ilustradas ou, de modo geral, textos cuja linguagem seria obstáculo à leitura feita pela criança. É o caso por exemplo, das edições dos contos de Andersen e Grimm pela editora Globo. O trabalho com folclore também enfrenta algumas dificuldades pela falta de títulos acessíveis. É possível, porém, articular os títulos específicos de folclore com outros gêneros. Por exemplo: narrativas tradicionais sobre bichos podem ser combinadas com histórias infantis sobre bichos que, num e noutro caso, são metáforas do comportamento humano. Ou então certas lendas, cuja base é a seqüência crescimento-morte-transformação, parecem combinar bem com os contos de fadas. Ou ainda trovas, trava-línguas e cantigas populares somam-se ao trabalho com poesia. Os títulos tradicionais de folclore têm sido enriquecidos nos últimos anos, sobretudo, com as contribuições de Joel Rufino dos Santos e Ricardo Azevedo.

O ACERVO

O número e a variedade de volumes disponíveis não constituem, de modo algum, aspecto secundário. De nada adianta incentivar a leitura se não há obras para a criança escolher, ler e retirar. Consideramos o empréstimo como etapa insubstituível. Sua importância vai desde a responsabilidade atribuída à criança, à necessidade do leitor em contar com a obra a sua disposição para ler onde, como e quantas vezes desejar. Além disso, o fato de a criança levar o livro consigo permite que a leitura (pelo menos enquanto valor) seja estendida ao círculo de amigos e ao ambiente familiar.

O número de volumes disponíveis deve ser, pelo menos, ligeiramente superior ao número de participantes e os títulos, tanto quanto possível, diversificados, para que não falem totalmente as opções e ninguém, se o desejar, fique sem levar um livro. A prática habitual, contando-se com classes entre 30 e 35 alunos, é dispor de pelo menos 40 volumes.

PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NA HORA DA HISTÓRIA

A narração das histórias pode ser feita com ou sem o livro em mãos, isto é, a história pode ser lida ou simplesmente contada. Sua apresentação pode ser fiel ao

texto ou sofrer adaptações quando, por exemplo, é preciso resumir uma história relativamente longa, para não cansar o ouvinte. A narração pode-se dar com ou sem interferência das crianças.

Poesia, trava-línguas, adivinhações, quadrinhas folclóricas sugerem, em geral, atividades com interferência dos participantes. O coordenador pode propor algumas adivinhações para o grupo, antes de apresentar o livro. Além de responder, os alunos podem lançar outras adivinhas. Durante a leitura é comum os alunos interferirem, lembrando outras adivinhações.

Como sugestão de textos para essa atividade, temos: *O que é o que é?* (1), *Moça formosa, pai carrancudo* (2), *Panela de Arroz* (3) e os volumes das Edições de Ouro.²

O trabalho com quadrinhas também pode iniciar-se pela solicitação, para lembrar, de algumas quadrinhas populares, cantigas de roda, versinhos anotados naquele caderno de recordações que as meninas costumam carregar. Também aqui é comum os participantes interromperem a leitura, lembrando outros versos. No final, participantes podem repetir para o grupo os versos que mais apreciaram. Algumas quadras podem ser apresentadas só com os três primeiros versos para que as crianças criem o último, assim:

Três vezes sete são catorze
com mais sete vinte e um
Tenho sete namorados

Mas não gosto de nenhum
Cada dia beijo um
Cada dia vejo um
Mas só vou casar com um

Obras interessantes para esse trabalho são: *Cavalinho de vento* (4), *Ronda Alegre* (5), *O cravo brigou com a rosa* (6), *Pirulito que bate bate* (7), *A canoa virou* (8), *Se esta rua fosse minha* (9), *Fui pro mar colher laranja* (10).

A partir das quadrinhas cria-se um terreno fértil para trabalhar com poesia, pois as crianças familiarizaram-se com ritmo e rima. Os primeiros contatos com livros de poesia seguem aproximadamente a linha das adivinhações e quadrinhas no que diz respeito à participação das crianças antes, durante e depois da leitura. Mas podemos seguir outras linhas de exploração, fazendo a leitura sem interrupções, e depois adotar um ou mais dos seguintes procedimentos: escolher um aluno que, voluntariamente, queira ler para o grupo; repetir em coro estrofes ou versos destacados, como no poema *O vizinho do lado* (11); dividir a turma em grupos equivalentes ao número de versos ou estrofes da poesia para que a repitam na seqüência original, como fizemos, por exemplo, com o texto *Conversa de tatu* (12); ler a primeira estrofe de um poema para que as crianças observem a rima e tentem adivinhar a última palavra das demais estrofes – um bom texto para essa atividade é *O buraco do tatu* (13); ler poemas musicados para que as crianças possam cantá-los, por exemplo *A casa*, e outros da *Arca de Noé*, de Vinícius de Moraes. Pode-se também, é claro, ler simplesmente um poema, sem interferências – as crianças são tão sensíveis à beleza sonora quanto às melhores ilustrações.

As atividades com adivinhações, trava-línguas, poesia são as mais fáceis de se realizar com qualquer fai-

xa etária, qualquer perfil de classes. Não dependendo fortemente de ilustrações, prestam-se ainda a atividades realizadas com os alunos enfileirados, na disposição habitual da sala de aula, inexistindo os inconvenientes que poderiam ocorrer, nessa disposição, para a leitura de imagens. Não será demais prever um tempo para cópias. Frequentemente as crianças se encantam com versos, quadras, adivinhas e querem transcrevê-los em seus cadernos.

Livros sem texto são geralmente apresentados a alunos de pré-escola ou em fase de alfabetização, o que não impede que possam ser atraentes para diferentes faixas etárias. Esses livros permitem participação intensa dos leitores: a partir da leitura da imagem vão sendo criadas oralmente as histórias. O livro pode ser contado da seguinte forma: o coordenador mostra página por página ao grupo em círculo, da direita para a esquerda, enquanto as crianças vêem e vão contando o que observam. O coordenador pode ir repetindo as frases de cada criança para que os demais ouçam claramente e acrescentem opiniões ou detalhes. Pode-se aguçar a curiosidade pondo em dúvida a afirmação dos participantes ("Será que é isso mesmo que ele viu?") ou criando momentos de suspense a cada página ("E agora... o que será que vai acontecer?"). Assim, aguça-se a imaginação do grupo e se permite um leque mais variado de alternativas. A seleção das alternativas fica a critério do grupo, ou à vontade de cada um, que guarda suas próprias impressões.

Entre os livros sem texto, experimentamos *Ida e volta* (14), *Domingo de manhã* (15), *Zuza e Arquimedes* (16), *Filó e Marieta* (17), *Amendoim* (18), *Catando feijão* (19), *História de jardim* (20), *Curumim e passarim* (21), *Tapete verde* (22), *Corre ratinho* (23).

A mesma técnica pode ser aproveitada para contar livros nos quais a ilustração é predominante ao texto. Depois da leitura da imagem, o coordenador conta fielmente o texto criado pelo autor. Em seguida podem-se comparar as diferenças entre essa versão e aquelas imaginadas pelas crianças. Entre outros, prestam-se bem a essa atividade os volumes da coleção *Gato e rato* (24), *Coração* (25), *Primeiras histórias* (26), *Ponto de encontro* (27) e *Crie & conte* (28).

Alguns livros apresentam frases que se repetem durante a história. Elas podem ser ditas, em coro, pelas crianças, na hora da narração. Bom exemplo é *Maria vai com as outras* (29). O coordenador narra página por página e naquelas onde o refrão aparece, o grupo repete em coro: "Maria ia sempre com as outras". A participação pode ocorrer através da expressão corporal, com o coordenador imitando movimentos de alguns personagens. No caso em que os personagens são as próprias mãos, como *Os dez amigos* (30), pode-se sugerir que as crianças acompanhem a leitura movimentando as mãos de acordo com as realizações dos personagens.

Livros bem ilustrados e que tenham textos mais elaborados devem ser lidos de maneira fiel, sendo apresentados concomitantemente às ilustrações. Contamos

2 Os números entre parênteses remetem às referências bibliográficas, com autor, e editora, no final desse artigo.

hoje, em nossa literatura infantil, com um bom número de obras que equilibram ilustração e texto. Entre as coleções, temos utilizado diversos títulos das séries *Lagarta pintada*, *Pique*, *Passa anel* e *Realejo*, todas da editora Ática.

Várias histórias, como os contos de fadas, podem ser acompanhadas atentamente mesmo sem o apoio das ilustrações. Tratando-se de argumentos conhecidos pelas crianças é possível solicitar sua intervenção, antecipando lances da história, discutindo as versões. Mas é ainda possível ler apenas, com boa entonação, e as crianças ouvirão com prazer, por exemplo, *Branca de Neve e outros contos de Grimm* (31).

Qualquer que tenha sido a forma de apresentação da obra, o coordenador deve, sempre que possível, permitir que o grupo aponte os momentos de maior interesse, as experiências anteriores que o levaram a identificar-se ou não com a história, opinião sobre personagens e situações, dando oportunidade para que a criança leia e reviva imagens, palavras e o mundo, expondo sua imaginação e visão crítica.

Após a narração, como se viu, está previsto um tempo para leitura livre e empréstimo. Se possível, os livros devem ser expostos pela capa e bem esparramados pela sala, de modo a atrair as crianças. Seu arranjo pode ser feito tendo em conta suas semelhanças. Por exemplo: coleções, livros de poesia, livros sem texto, contos de fadas tradicionais, contos de fadas modernos, histórias sobre crianças, sobre bichos. O importante é ter uma organização que facilite o acesso direto ao livro.

O coordenador deve orientar os alunos para que conheçam o acervo e sua disposição e possam, assim, melhor utilizá-lo. A criança deve poder retirar o livro da prateleira, trocá-lo por outro, à vontade. A devolução do livro ao local de origem deve ser feita sempre que possível, mas não pode ser um óbice à participação da criança. Se ela, porventura, não se lembrar, com segurança, do lugar do livro, pode devolvê-lo ao coordenador. Quando a atividade ocorre em sala de aula, no momento da leitura livre o coordenador pode optar, conforme as condições, por algumas formas de distribuição. Por exemplo, se a classe estiver em círculo, os livros podem ficar no centro desse círculo ou em um canto da sala, esparramados sobre carteiras, expostos na lousa, ou até mesmo no chão, se houver tapete ou esteira que os proteja do pó.

Se as carteiras são fixas ou, por algum outro motivo, os alunos ficam emfileirados, o coordenador pode ir distribuindo os volumes pelas fileiras, da mesma maneira como se distribuem provas ou outros textos aos alunos. Deve-se apenas ter o cuidado de variar sempre o ponto de onde começa a distribuição, já que os primeiros atendidos terão maiores opções. Assim que todos tiverem algum livro em mãos e terminarem seu exame ou leitura, podem trocar com os colegas mais próximos, sem levantar da carteira, ou solicitar um novo livro ao coordenador que levará até a carteira alguns volumes para que o aluno escolha. Pode-se ainda, com classes mais organizadas, manter os livros expostos na lousa e sobre a mesa do professor e as crianças, sem tumulto, locomovem-se para fazer a escolha.

Entretanto, alguns problemas podem surgir. No caso de as crianças folhearem rapidamente os livros enquanto o coordenador ainda está distribuindo aos demais, nada

há a fazer, senão sugerir à criança que reexamine o livro com mais atenção, observando todo o texto e ilustrações, ou que aguarde o retorno do coordenador àquela fileira. Se crianças querem um livro que já foi escolhido por outro colega, pode-se sugerir uma leitura conjunta ou reservar aquele texto para o solicitante, tão logo o colega o termine. Convém oferecer-lhe, enquanto espera, um outro livro – pode até ocorrer uma mudança de interesse.

Também durante a narração podem ocorrer perturbações. É rara a classe que não tenha seus elementos inquietos, dispersivos. Se a agitação partir de alguns e for suportável, melhor esquecê-los: o resto da turma nem se importará e continuará atenta à narração. Se a agitação partir de alguns e for excessiva, a própria turma reclamará e tentará conter os perturbadores. Certamente será preciso interromper a narração, mas não haverá problema em retomá-la. Se a agitação for muito generalizada, então é melhor mudar de texto (nem sempre a nossa escolha combina com a disposição da maioria naquela ocasião) ou passar à leitura livre.

O empréstimo pode ser feito, de preferência, no final da atividade, depois que os alunos foram estimulados e tiveram a oportunidade de examinar diversos livros. Pode, ainda, se necessário, acontecer durante o período de leitura livre.

POR QUE A HORA DA HISTÓRIA

A leitura é, em si, uma atividade solitária. Não é, porém, na solidão que se chega ao livro. O caminho para a leitura é preparado, mediado por alguém, em geral no meio familiar, que leva a criança a ver o livro como algo que tem valor e cujo conteúdo pode lhe interessar. A criança normalmente chega ao livro porque seus pais (ou pessoas próximas) lêem, dão livros aos filhos, contam-lhes histórias. Assim, o contato com o livro está envolto por um contexto valorativo e afetivo.

Nosso problema é como estimular à leitura crianças que não tiveram essa iniciação no ambiente familiar e que são, muitas vezes, desestimuladas, no período escolar, por uma leitura restrita e restritiva. A Hora da História parece-nos uma boa solução, por algumas razões:

- é uma atividade coletiva que propicia a integração entre as crianças e destas com o adulto que as coordena, tendo como elo o livro, que é, assim, apresentado num contexto agradável;
- procura-se na Hora da História recuperar, de certa forma, aquele clima afetivo que deve acompanhar as primeiras aproximações à leitura;
- no contato coletivo, se o livro não era valor e presença no ambiente familiar, passa a ser valor e presença num grupo do qual a criança participa e que é para ela importante. O coletivo pode favorecer o contágio, pois o interesse visível de uns estimularia os outros;
- a Hora da História permite a divulgação de livros, apresentando-se histórias, autores, coleções, gêneros, temas que passam a ser procurados pelas crianças; e, ainda,
- pode funcionar como orientação para leitores muito inexperientes, sugerindo-lhes leituras que possam agradar, evitando que se vejam perdidos quando há muitos títulos disponíveis e possam ter experiência frustrante com a obra escolhida.

Certamente a Hora da História não é a única atividade relativa à leitura que pode ser desenvolvida no meio escolar ou mesmo em uma biblioteca. Há professores que já estabeleceram com seus alunos alguns períodos de leitura livre, utilizando uma pequena biblioteca de classe formada, muitas vezes, por pequeno número de volumes conseguidos pelo próprio professor.

A experiência da Clara Luz, no setor circulante, mostrou que quando se trata de divulgar um determinado autor ou obra, melhor do que a Hora da História funcionam outras iniciativas como o "Cantinho do Autor". Essas, e outras práticas, têm o seu valor específico, mas para nossos objetivos aparecem apenas como complementares em relação à Hora da História, sobretudo por não terem poder de criar o clima afetivo e a estimulação necessários.

Além disso, quando falamos em Hora da História, pensamos sempre numa atividade completa, na qual o contar histórias é o vínculo estimulador; a leitura livre ou as extrapolações pós-narração funcionam como extensões nas quais se busca aprofundar a relação da criança com o texto, com o coordenador, com o tema, com o livro; por fim, o empréstimo confere à criança, estimulada e orientada, a condição de conviver com o livro escolhido.

Uma outra razão que nos leva a insistir na Hora da História são suas possibilidades em termos de integração, de uma forma sistemática, à própria rotina escolar e os reflexos que pode ter, de modo geral, sobre a própria prática pedagógica.

A HORA DA HISTÓRIA NA ESCOLA

Quando pensamos em uma situação *ideal* de leitura na escola, imaginamos algumas condições. As classes devem participar da Hora da História com certa periodicidade (uma vez por semana). Diariamente os alunos devem ter um período de leitura livre de obras que retiraram ou outras escolhidas no acervo das classes. Os alunos têm acesso à biblioteca escolar onde podem realizar a escolha mais ampla, sob orientação do encarregado. E que essa biblioteca se incumba, de comum acordo com os professores, de manter atualizado o acervo, prever a existência de certos títulos quando o professor programe atividades. Incumbe-se, ainda, de outras medidas relativas à divulgação de livros, com cartazes, boletins, "cantinho do autor" etc.

Ainda, em condições ideais, a Hora da História é realizada na própria biblioteca, que contará com espaço para uma sala (ou cantinho) de leitura. Poderá contar com a participação tanto do professor quanto do encarregado da biblioteca, aqui imaginado como um profissional com suficiente especialização e em cujo horário de trabalho está previsto tempo para manter-se atualizado quanto aos livros e preparar as atividades.

Convenhamos: essa situação ideal é ainda algo a ser conquistado e as possibilidades de se chegar a ela estão demonstradas a partir de experiências bem sucedidas, como o projeto de dinamização de leitura na rede municipal de ensino em São Paulo. Na rede estadual existem algumas bibliotecas com funcionamento próximo das condições aqui imaginadas. E onde elas existem, um programa de leitura incluindo a Hora da História pode ge-

neralizar-se na escola, bastando maior integração da biblioteca ao planejamento escolar e a consideração da leitura como ponto programático no planejamento feito pelos professores. Nessa escola, a Hora da História poderá ser organizada e realizada na biblioteca ou em sala de aula a partir de acervos retirados da biblioteca e organizados conjuntamente pelo encarregado e professores.

Se não há biblioteca e, muito menos, encarregado de biblioteca, mas existem livros na escola, ainda é possível desenvolver atividades de leitura, desde que se organizem os livros disponíveis em pequenos acervos distribuídos, em rodízio, pelas classes. Um pacote de aproximadamente 40 volumes (para uma classe com cerca de 35 alunos) permite ao professor realizar a Hora da História semanalmente durante pelo menos um mês com alunos de 3ª ou 4ª ou 5ª séries, já que eles têm maior capacidade de concentração e se detêm por mais tempo na mesma obra. No caso, o professor fica responsável pelo pacote que receber a cada mês e vai orientar sua ação em função desse acervo disponível. Aproximadamente, o mesmo acervo utilizado por uma classe, no início do ano, pode voltar a ela, no final do ano, para atender a expectativas de releitura.

Com crianças menores (pré e ciclo básico) a rotatividade dos volumes para leitura livre e empréstimo deverá ser maior: trabalha-se com textos curtos e a criança mais ativa com pouco tempo "consumirá" (ela ainda é mais consumidora que leitora) vários títulos, o que não a impede, porém, de rever com prazer o texto quando contado na Hora da História.

Esta hipótese de o professor, e não o encarregado de leitura (ou não apenas este), desenvolver em classe (ou mesmo em outro local) as atividades sugeridas, parece interessante em termos de ancorar mais a leitura na programação geral das aulas. O difícil é começar a estabelecer o hábito. Uma vez estabelecido, começam a fluir as informações entre os professores, levando ao mais rápido conhecimento de livros e de suas possibilidades de aproveitamento, não só como leitura-fruição, objetivo básico, mas até como elemento desencadeador de atividades didáticas ou complementares a estas.

Para dar início a esse trabalho, é indispensável a existência de um acervo. Mas seria bom prever, ainda, um rápido treinamento de professores quanto à organização e utilizações possíveis do acervo, assim como a designação de alguém (professor ou encarregado de leitura) que coordene o acervo, cuidando de sua ampliação e do rodízio entre as classes.

Claro que a condição preliminar do trabalho será sempre a inclusão da leitura como norma pedagógica no planejamento da escola: é preciso que se deseje incluí-la entre as atividades habituais das classes, retirando-lhe o caráter marginal em relação ao planejamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

LISTAGEM DAS OBRAS MENCIONADAS

1. CACCESE, D. *O que é o que é*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1982 (A Hora da História).
2. AZEVEDO, Ricardo. *Moça formosa, pai carrancudo*. São Paulo, FTD, 1986.
3. CAMARGO, Luís. *Panela de arroz*. São Paulo, Ática, 1980.
4. FRANÇA, Eliardo. *Cavalinho de vento*. Rio de Janeiro, Conquista, 1972.
5. ARAGÃO, Nilde H. *Ronda alegre*. Rio de Janeiro, Conquista, 1983.
6. _____. *O cravo brigou com a rosa*. Rio de Janeiro, Conquista, 1983.
7. FRANÇA, Eliardo. *Pirulito que bate bate*. Rio de Janeiro, Conquista, 1972.
8. _____. *A canoa virou*. Rio de Janeiro, Conquista, 1983.
9. _____. *Se esta rua fosse minha*. Rio de Janeiro, Conquista, 1983.
10. AZEVEDO, Ricardo. *Fui pro mar colher laranja*. São Paulo, FTD, 1986.
11. BANDEIRA, Pedro. *Cavalgando o arco-íris*. São Paulo, Moderna, 1984.
12. MURALHA, Sidônio. *Televisão da bicharada*. Rio de Janeiro, Nórdica, 1979.
13. CAPARELLI, Sérgio. *Boi da cara preta*. Porto Alegre, L&PM, 1983.
14. MACHADO, Juarez. *Ida e volta*. Rio de Janeiro, Agir, 1986.
15. _____. *Domingo de manhã*. Rio de Janeiro, Agir, 1986.
16. FURNARI, Eva. *Zuza e Arquimedes*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1983.
17. _____. *Filó e Marieta*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1983.
18. _____. *Amendoim*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1983.
19. ROMANELLI, Liliane. *Catando feijão*. Belo Horizonte, Vigília, 1985.
20. GUIMARÃES, Márcia M. *História de jardim*. Belo Horizonte, Vigília, 1981.
21. JUNQUEIRA, Paula R. *Curumim e passarim*. Belo Horizonte, Vigília, 1982.
22. PASSOS, Isabel C. *Tapete verde*. Belo Horizonte, Vigília, 1984.
23. FROMACK, Anne. *Corre ratinho*. São Paulo, Ática, 1980.
24. COLEÇÃO GATO E RATO. São Paulo, Ática, 1968.
25. COLEÇÃO CORAÇÃO. Belo Horizonte, Vigília, 1985.
26. COLEÇÃO PRIMEIRAS HISTÓRIAS. São Paulo, FTD, 1986.
27. COLEÇÃO PONTO DE ENCONTRO. São Paulo, Ed. Paulinas, 1982.
28. COLEÇÃO CRIE & CONTE. São Paulo, FTD, 1986.
29. ORTHOF, Sylvia. *Maria vai com as outras*. São Paulo, Ática, 1983.
30. ZIRALDO. *Os dez amigos*. São Paulo, Melhoramentos, 1983.
31. BRANCA de neve e outros contos de Grimm. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

Outras obras mencionadas

- BANDEIRA, Manuel. *O trem de ferro*. In: *Berimbau e outros poemas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986.
- CONTOS de Andersen. Rio de Janeiro, Globo, 1985.
- CONTOS de Grimm. Rio de Janeiro, Globo, 1985.
- FRANÇA, Eliardo & Mary. *O trem*. São Paulo, Ática, 1987.
- ORTHOFF, Sylvia. *Limpeza de Tereza*. São Paulo, Ática, 1987.
- _____. *Velhota cambalhota*. Belo Horizonte, Lê, 1985.
- SILVA, B. A. *Maria fumaça*. São Paulo, Ática, 1986.